



O jornalismo humanizado nas páginas do Jornal da Paraíba — Uma análise do caderno especial dos 150 anos de Campina Grande¹

Eloyna Maria de Lira ALVES²

Thaliton Ritallo Gomes do NASCIMENTO³

Ada Kesea Guedes BEZERRA⁴

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

Explorar a sensibilidade do jornalista, através da humanização do relato, é uma das maneiras de ampliar as possibilidades comunicativas. Partindo desse pressuposto, faremos uma Análise de Conteúdo sobre a inserção do jornalismo humanizado no Jornal da Paraíba, a partir do caderno especial dos 150 anos de Campina Grande, “Campina e seus personagens”. Para isso se faz necessário contextualizar o surgimento desse gênero e a sua relação com a literatura. Os pressupostos teóricos que fundamentam esse estudo foram apreendidos em Lima (2005); Medina (2003); Pena (2006), dentre outros. Construindo um paralelo entre os apontamentos feitos por esses autores e o objeto de estudo, nota-se que a narrativa humanizada se configura como um recurso utilizado para atrair mais leitores, por meio de um texto diferenciado que conte histórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal da Paraíba; Jornalismo Impresso; Narrativa Humanizada.

Jornalismo humanizado: o personagem como centro da narrativa

Desde o seu surgimento o jornalismo é algo intrínseco à sociedade. Estar informado sobre tudo o que acontece ao seu redor é uma das necessidades humanas, principalmente com a facilidade de acesso à informação que os meios de comunicação oferecem, a exemplo do jornal, do rádio, da televisão e da internet. No entanto, ao longo dos anos a produção da notícia, especialmente do jornalismo factual, foi se tornando um processo vicioso e mecanizado. A busca pelo furo, a correria nas redações, as novas rotinas produtivas perpassadas pelo trabalho de gabinete, tendo os sites e agências de

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB, e-mail: eloynaalves@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 5º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB, e-mail: thaliton1812@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB, e-mail: ada.guedes@gmail.com.



notícias como fontes, ou até mesmo o comodismo profissional são alguns dos motivos que levaram a atividade jornalística diária a tornar-se, muitas vezes, superficial e sem profundidade. França (2008, p. 34-35) faz uma crítica a esse tipo de narrativa:

Relatos apressados e superficiais, textos mal escritos e desinteressantes, pautas sem originalidade que perpetuam fórmulas e clichês da cobertura, adoção de discursos hegemônicos e do senso comum como ponto de partida para a apuração, cômodas entrevistas realizadas por telefone ou e-mail, dependência de agências de notícias, perda da capacidade de observação e desconexão da realidade.

Em contrapartida, o relato humanizado surge como linguagem única, completamente diferente do que se costuma ver nos jornais diários. Esse tipo de abordagem permite ao jornalista explorar novas percepções do mundo, mostrando um lado humano dos fatos e, sobretudo, de personagens que chamam a atenção do público através de suas histórias.

O jornalista é peça fundamental para a construção de reportagens embasadas numa narrativa mais humanizada, pois é dele que partirá o olhar sensível sobre o que está sendo observado. A descrição minuciosa do fato a ser noticiado é uma das principais características da humanização do relato e deve ser feita com precisão e cuidado. Segundo Montipó e Farah (2009, p. 9), “não se trata de usar a sensibilidade para impressionar, para criar apenas uma sensação momentânea (sensacionalismo). No entanto, a linha é tênue, é preciso cuidado, responsabilidade”.

O ponto-chave da narrativa humanizada é, sem dúvidas, o próprio homem. Ao encontrar histórias de personagens da vida real, é missão do jornalista torná-las acessíveis ao público, sem espetacularização. Para isso, o primeiro passo é deixar de lado todos os pré-conceitos existentes acerca da cultura, religião, sexualidade, questões raciais e sociais que possam influenciar ou atrapalhar a construção da matéria. O segundo passo é tornar a entrevista um verdadeiro diálogo. Para Medina (1986, p. 5) “se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo”. A construção de uma abordagem em profundidade através do olhar sensível do jornalista é a etapa seguinte e deve traçar uma ligação entre o personagem e o leitor, de forma que este último sintá-se parte integrante da história narrada:

Só conseguimos esse efeito, enquanto jornalistas, quando saímos a campo e interagimos, como seres humanos, com nossos personagens da vida real. Não conseguimos isso quando nos limitamos a entrevistar pessoas pelo telefone ou pela internet, nem quando só



escrevemos condicionando nosso texto a um formato limitado de 'lead'⁵. (LIMA, 2005 apud MONTIPÓ; FARRAH, 2009 p. 11)

Não existe relato humanizado dentro de quatro paredes de uma redação. Como Lima (2005) afirmou, é preciso que o jornalista vá a campo, observe, pesquise, faça parte. Se desprenda da sua realidade e se insira na do outro. O trabalho é necessariamente empírico e exige muito mais do profissional. Por isso muitos veículos de comunicação deixam essa prática de lado, assumindo uma postura tradicional, com o jornalismo diário factual e suas superficialidades.

Jornalismo e literatura: rompendo paradigmas das redações

Percepção e técnica são instrumentos que caminham juntos no exercício do jornalismo diário. Além de serem essenciais nas construções das narrativas, eles são de fundamental importância para que os jornalistas possam fugir do convencional e romper a superficialidade dos fatos, lançando um novo olhar sobre eles. De acordo com Pena (2006 p.13) incorporar ao jornalismo características da literatura é um dos caminhos possíveis para os profissionais da comunicação ampliarem as possibilidades comunicativas. Juntando esses dois gêneros, cria-se um novo: o Jornalismo Literário. Para alguns autores ele teve suas origens no *New Journalism*⁶, em 1960 e se lança como tendência nas redações contemporâneas.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar definidores primários e, principalmente garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006 p. 13).

Para facilitar a compreensão do que de fato caracteriza o Jornalismo Literário, Pena (2006) chamou de estrela de sete pontas os elementos que ele considera imprescindível para essa vertente. O primeiro deles seria potencializar os recursos do jornalismo, de modo que o jornalista literário não ignore as técnicas narrativas que aprendeu, mas que busque desenvolvê-las fazendo uma apuração e abordagem profunda

⁵ Estratégia narrativa inventada no início do século XX por jornalistas americanos para conferir objetividade à imprensa, respondendo a seis perguntas básicas: Quem? Quando? Quê? Onde? Como? E porquê?

⁶ Gênero jornalístico que tem suas origens nos Estados Unidos e se caracteriza por misturar a narrativa jornalística com a literária



dos fatos. Na segunda, ele recomenda ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, se despreendendo das amarras do *deadline*⁷. Essa característica levará a terceira ponta da estrela que tem como função proporcionar uma visão mais ampla da realidade.

Já a quarta ponta tem a ver com o exercício da cidadania. O intuito dela é fazer com que a abordagem possa contribuir para a formação do cidadão. O quinto atributo é romper com as correntes do *lead*, para conferir mais criatividade, elegância e estilo à narrativa. A sexta ponta consiste em buscar fontes anônimas, fugindo das convencionais que já estão legitimadas no ciclo vicioso, como ministros, delegados e advogados, para ouvir os cidadãos comuns. Por fim, a sétima ponta da estrela está relacionada à perenidade. O jornalismo literário dá margem a textos que permanecem mais tempo no rol de interesse do leitor. Ele deve ser permanente, multifacetado e humanizado.

A inserção na narrativa humanizada no Jornal da Paraíba

Construir narrativas humanizadas com foco na essência dos entrevistados e colocá-los em destaque é uma das alternativas apontadas por Medina (2003) para aproximar as pessoas da realidade. Por buscar essa aproximação e reconhecer as potencialidades que a humanização do relato confere ao jornalismo, nos últimos dez anos o Jornal da Paraíba intensificou a adoção desse tipo de narrativa em suas publicações, de acordo com informações repassadas pela secretária de redação do Jornal da Paraíba, Claudeci Ribeiro, em entrevista⁸.

Conforme informações institucionais disponibilizadas no portal *JP online*⁹, o jornal é um matutino que circula de terça à domingo em todo o Estado da Paraíba. Foi fundado em setembro de 1971 e faz parte da Rede Paraíba de Comunicação, que agrega também as TV Cabo Branco e Paraíba, ambas afiliadas da Rede Globo, bem como as rádios CBN João Pessoa e Cabo Branco FM, além dos portais de notícia JP online (jornaldaparaiba.com.br), o G1 Paraíba e o GloboEsporte.com Paraíba.

A produção do Jornal da Paraíba é feita em duas redações, uma em João Pessoa e outra em Campina Grande. Nele são veiculadas matérias referentes aos assuntos do cotidiano, indo ao encontro do que sugere Luiz Beltrão (2006 p. 31) quando diz que "o jornalismo é informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos

⁷ Hora de fechamento do jornal ou revista, onde o repórter deve entregar sua reportagem pronta.

⁸ A entrevista foi concedida por e-mail no dia 19 de maio de 2015.

⁹ Plataforma eletrônica que dá acesso ao conteúdo digital e online do Jornal da Paraíba.



periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública".

Além da versão impressa há também a edição digital, na qual o conteúdo gráfico editorial é reproduzido online e na íntegra. Recentemente tem sido trabalhada a integração entre a produção do impresso e o JP online, de modo que um complementa o outro no tocante a divulgação dos seus conteúdos, obedecendo às particularidades de cada plataforma, segundo a secretária de redação. Os leitores passam a ter acesso não apenas a textos, fotos e infográficos, mas também a recursos que possibilitam um melhor entendimento da realidade, como vídeos e áudios. Eles também são utilizados para trabalhar a humanização das notícias.

A secretária de redação explica que o jornalismo humanizado é empregado no Jornal da Paraíba principalmente nas edições de domingo, que trazem matérias mais trabalhadas e com uma linguagem mais leve para os leitores apreciarem. Além disso, as situações noticiadas e a desenvoltura dos repórteres perante os fatos direcionam os encaminhamentos que as narrativas terão, de modo que vez por outra elas também podem ser construídas na produção diária.

Diante da concorrência com os outros veículos de comunicação e o surgimento das novas mídias, Claudeci Ribeiro conta que inserir o jornalismo humanizado como uma das possibilidades de narrativa do Jornal da Paraíba é uma alternativa encontrada para atrair os leitores e garantir que o impresso possa levar algo diferenciado para eles. Já que esse tipo de matéria se caracteriza por trazer um texto que foge do convencional, pretende-se chamar a atenção das pessoas e convidá-las à leitura de histórias de vidas.

Esse diferencial buscado quando se trabalha a humanização do relato jornalístico representa a necessidade de atribuir novos sentidos aos fatos narrados e “recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana. [...], assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades, subjetividades” (IJUIM, 2005, p. 40). A humanização se torna, dessa maneira, um recurso que rompe com a objetividade e revela as impressões e as peculiaridades dos jornalistas e suas fontes.

Histórias contadas por personagens no Jornal da Paraíba

O sesquicentenário da cidade de Campina Grande foi marcado por grandes homenagens. Contudo, uma especificamente se destacou no cenário jornalístico



paraibano: o caderno especial dos 150 anos da cidade, veiculado pelo Jornal da Paraíba. Intitulado “Campina e seus personagens”, o caderno especial do dia 11 de outubro de 2014 foi escrito pela jornalista Silvana Torquato e revelou em suas páginas monumentos e personagens idiossincráticos, famosos e anônimos, intrínsecos à realidade do município.

Este artigo focaliza apenas na análise dos textos que falam sobre as pessoas. Serão apresentadas as oito figuras humanas que ilustram o caderno, no entanto, a narrativa humanizada será exemplificada a partir de seis textos, são eles: *Trovador da alegria e da boemia; Fé e sabedoria popular; Guardião dos Pioneiros; Lugar de boa morada; Comércio por vocação e Amor pela cidade.*

Vale reforçar que as matérias referentes aos monumentos históricos da cidade não fazem parte do conteúdo deste artigo, mas sim a construção da narrativa a partir daquelas que revelam as histórias de vida dos personagens pitorescos da cidade.

Nota-se que uma das características da humanização no relato jornalístico é a presença de personagens como centro da narrativa. “De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta da do cotidiano [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem” (MEDINA, 1999, p.28). Baseado nisso, percebe-se que esse caderno prezou por tornar visíveis os personagens, apresentando-os aos leitores como parte inerente do sesquicentenário campinense.

Os protagonistas campinenses

Dar vez e voz aos “invisíveis”, é assim que Silvana Torquato¹⁰ define a importância do seu trabalho ao retratar pessoas comuns do dia-a-dia e que, por muitas vezes, passam despercebidas pela sociedade, em uma entrevista concedida por e-mail. É o caso de Inácia Firmina Bezerra, de 70 anos, que há mais de 55 é feirante e ganha a vida vendendo raízes na Feira Central. A reportagem dá visibilidade ao trabalho de dona Inácia e às histórias contadas por ela, que marcaram a sua trajetória e as de muitos cidadãos campinenses, a exemplo do fechamento do famoso Cassino El Dourado, antigo cabaré da cidade.

Outro destaque da edição especial foi uma figura bastante conhecida pelas pessoas que costumam andar pelo centro de Campina: Severino Silvino da Costa, 71

¹⁰ A entrevista foi concedida por e-mail no dia 20 de maio de 2015.



anos, popularmente conhecido como “Biu do Violão”. Ele é fã do cantor Roberto Carlos e conta que sua relação com a música começou através das canções do “rei” ouvidas nas rádios.

Personagens anônimos, mas que fizeram parte de grandes momentos da cidade não são esquecidos pela jornalista. É o caso de José Firmino dos Santos, 71 anos, que apesar de não ser muito conhecido, teve sua colaboração na história da cidade. Ele foi o responsável por buscar no Rio de Janeiro e levar para Campina Grande as estátuas dos Pioneiros da Borborema, um dos principais pontos turísticos do local, situado às margens do Açude Velho. Apesar da grande missão, ele fala que nunca é lembrado e conta que só concedeu duas entrevistas durante esses anos todos.

Para Torquato, a descrição de olhares, da emoção dos personagens ou até mesmo de ambientes permite aos leitores vivenciar e sentir todos esses detalhes presentes na matéria. Ilustra esse aspecto a história de uma senhora chamada Maria Ferreira da Silva, de 78 anos, que mora no Beco da Pororoca, há mais de 50 anos. Dona Didi, como é conhecida, fala como foi parar nessa local que é uma das ruas mais tradicionais do Centro de Campina Grande e compartilha histórias de sua antiga vizinhança.

Outro personagem é Wellington Barbosa, 55 anos, que por vontade própria, deixou sua carreira de advogado para vender queijo no Calçadão da Cardoso Vieira, outro ponto tradicional da cidade. Também se faz presente no especial, histórias de pessoas que vieram e fincaram suas raízes na cidade, a exemplo dos pais de Maria Ida Steinmiüller, 60 anos, que abandonaram a Áustria, na Europa, para viver e construir suas vidas em Campina Grande.

Aos 52 anos, o professor de Direito, Mário Vinícius Carneiro de Medeiros, conta, em uma das reportagens, como descobriu, na década de 70, que uma cápsula do tempo seria colocada nas imediações do Açude Novo, local considerado marco zero do município. Ana Carolynna é a representante mais jovem dessa edição especial. Com apenas 4 anos de idade Ana aprendeu a cantar o hino municipal, ainda sem saber ler, e aos 6 anos revelou que quer ser professora quando for adulta.

Humanização no caderno especial dos 150 anos de Campina Grande

A narrativa humanizada é verificada no caderno especial “Campina e seus personagens”, porque ele foi pensado para narrar de forma diferenciada os 150 anos do



município, abrindo espaço para esse tipo de construção textual, conforme a secretária de redação, Claudeci Ribeiro. Outro elemento que confirma a presença da humanização do relato é a forma como são contadas as histórias dos personagens da cidade, descrevendo suas personalidades, seus sentimentos e emoções. A repórter Silvana Torquato conta quem são esses personagens por meio de uma narrativa rica em detalhes. O primeiro deles aparece no texto intitulado “Trovador da alegria e da boemia”.

Simpático e irreverente, possivelmente você não conhece Severino Silvino da Costa. Mas se falar em “Biu do Violão”, os frequentadores do Centro de Campina Grande já escutaram as músicas de Roberto Carlos embaladas na voz e no violão dele. Fã do Rei há mais de 40 anos, Biu, a cada pausa que dava durante a entrevista, cantava uma música e transparecia a alegria que sente ao relembrar os sucessos de Roberto Carlos. (JORNAL DA PARAÍBA, 2014, p. 13).

Esse tipo de descrição feita pela repórter é explicado por Braghini e Lüersen (2014, p. 5) como um tipo de narrativa que se assemelha ao ficcional, proporcionando aos leitores um novo olhar sobre o texto. São valorizados assuntos que parecem corriqueiros e desinteressantes, mas que ganham novos sentidos a partir do relato humanizado.

Ainda sobre a humanização do jornalismo:

A descrição é como um corte na dinâmica narrativa. Em lugar de focar a ação, interrompe-a momentaneamente para ilustrar características físicas e particulares de pessoas, ambientes e objetos. Serve ao propósito de iluminar os personagens de um acontecimento, o lugar onde se dá, os artefatos ali presentes. Como o nome sugere, é um lançar de luzes que amplia a nossa percepção, emoldurando melhor o acontecimento do qual trata a matéria (LIMA, 2005)

Tais características estão presentes ao longo das narrativas do caderno especial. A segunda personagem dele é a dona “Inácia da raiz”. Sua história é contada no texto “Fê e sabedoria popular” e por meio dele é mostrada a resistência do comércio de ervas medicinais na feira.

Vinda da zona rural de Lagoa Seca ainda criança para morar em Campina Grande, dona Inácia casou três vezes e têm seis filhos, apenas dois deles estão vivos e moram em São Paulo, mas nenhum deles quis seguir a profissão da mãe. Hoje ela vive sozinha no bairro do Pedregal. Durante a entrevista, em meio a risadas a cada história que dona Inácia relembra, ela faz questão de mostrar seus produtos à venda, que vão desde raízes a garrafadas. Dona Inácia garante que as suas garrafadas, que ela mesmo fabrica em casa, e vende por R\$ 5,00, curam vários tipos de doenças inflamatórias. (JORNAL DA PARAÍBA, 2014 p. 17).



Relatar a manutenção de um costume popular e a cultura intrínseca à realidade de dona Inácia, como nesse trecho em que foi contada parte da história de vida da personagem, é uma das formas que o jornalismo encontra para ajudar as pessoas a compreenderem fenômenos sociais. Conforme Montipó (2011, p.3) a compreensão do mundo atual só é feita de forma mais abrangente quando se amplia as maneiras de enxergá-lo. Portanto, as abordagens jornalísticas devem estar conectadas com a realidade social. A utilização desses recursos possibilita uma nova visão sobre o mundo noticiado pelo jornalismo.

Dar visibilidade aos anônimos talvez seja um dos atributos mais importantes do jornalismo humanizado. Ele é capaz de despertar o interesse dos receptores da informação pelas ações simples do cotidiano, além de instigá-los a serem pessoas mais atentas à essência dos fatos corriqueiros e humanos que passam despercebidos pelos olhares apressados de uma sociedade muitas vezes indiferente e fria.

Levando ao conhecimento da população esse tipo de história, a jornalista foi em busca do homem responsável por fazer o transporte das estátuas que representam um dos pontos turísticos mais visitados de Campina Grande, os ‘Pioneiros da Borborema’, com sua localização já identificada anteriormente. O texto que narra esse fato é o “Guardião dos Pioneiros”.

Personagem desconhecido por muitos, o aposentado José Firmino dos Santos, 76 anos, que mora na Vila Castelo Branco, foi o responsável por trazer as três estátuas do Rio de Janeiro para Campina Grande. Foram 12 dias de viagem em estrada de terra – o normal naquela época eram 5 dias – trazendo o monumento que pesava mais de seis mil quilos. (JORNAL DA PARAÍBA, 2014 p. 21).

Esse fragmento exemplifica o que Chaparro (2004 apud MONOTIPÓ, 2011, p.6) considera como o grande diferencial do jornalismo humanizado, pois ele acredita que a humanização da narrativa jornalística é o recurso que permite uma maior compreensão da heterogeneidade humana.

O relato humanizado no jornalismo é a ferramenta social para satisfazer não apenas a curiosidade das pessoas, mas o vácuo universal de noticiar o tempo e a existência humana, que vincula o jornalismo aos processos da vida e da cultura. É a forma de se perceber, nas manifestações do cotidiano, a complexidade dos problemas e, pelo relato, ligá-las aos valores da vida humana, rumo à transformação. (CHAPARRO 2004 apud MONOTIPÓ, 2011, p. 6).

Para facilitar o entendimento desse processo de compreensão da realidade, Bakhtin (1993) diz que é impossível representar adequadamente o mundo ideológico do



outro sem ouvir suas próprias palavras. Dessa maneira, é importante que o jornalista observe com atenção a realidade que o envolve, bem como tudo o que é dito pelos personagens. Só a partir dessa observação profunda é que se consegue extrair o que há de mais simbólico nas pessoas e assim construir narrativas com as quais elas se identifiquem.

Reforçando esses argumentos, Lima (2005) acredita que “um texto de Jornalismo Literário deve empregar uma variedade de recursos, para expressar a realidade sob perspectivas variadas, de um lado, e para manter a reportagem interessante, para o leitor, de outro”.

Para se chegar a esses resultados o autor afirma que os jornalistas devem apostar na descrição e também no diálogo. O emprego desses recursos é exemplificado por meio do texto “Lugar de boa morada”, onde se fala sobre a senhora Maria Ferreira da Silva, 78 anos, que reside há mais de 50 anos no Beco da Pororoca, uma rua tradicional da cidade. A personagem ganha voz na matéria ao lembrar como era o local assim que ela começou a morar nele.

Didi disse que ao chegar na rua da Pororoca para morar só existiam casebres e o local era tranquilo. “Não entrava carro, só carroça de burro. Quando um veículo passava no beco era uma novidade para gente e todos saíam para ver o que estava acontecendo. O Beco da Pororoca era tão calmo que parecia que a gente morava em um sítio”, enfatizou. (JORNAL DA PARAÍBA, 2014 p. 25).

Outro personagem é “Wellington do queijo”. A sua história está no texto “Comércio por vocação”, onde as suas particularidades são postas em evidência. Em seguida fala-se sobre a atividade econômica que pratica e o espaço em que está inserido, um dos mais tradicionais de Campina Grande, conhecido popularmente como “calçadão”. Wellington é um dos representantes mais significativos do comércio popular da cidade. O texto busca revelar o que está por trás desse homem.

Advogado e um “escritório” no Calçadão da Rua Cardoso Vieira, no Centro de Campina Grande. Quem passa pelo local, considerado o “termômetro” da cidade, com certeza já deve ter parado no local de trabalho de Wellington Barbosa do Nascimento, 55 anos. Só que ao invés de encontrar livros e documentos, você se depara com queijos, doces e manteiga da terra. Mesmo formado em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Wellington do Queijo, como é mais conhecido, preferiu abandonar o paletó e vestir o jaleco para produzir e comercializar laticínios no Calçadão. (JORNAL DA PARAÍBA, 2014 p. 33).



Com isso, é possível afirmar que o jornalismo humanizado não se propõe exclusivamente a produção de textos mais elaborados, mas está em constante busca da essência humana e suas complexidades. Ele “é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado” (ALVES; SEBRAN, 2008, p. 2).

O exercício dessa diferenciação deve ser constante por parte dos jornalistas, no entanto, esses profissionais também precisam ser sensíveis o suficiente para observar a realidade que os cercam. Assim eles reconhecerão e reportarão boas histórias que a objetividade da imprensa poderia julgar como insignificante. Seguindo esse raciocínio, o caderno especial fecha mostrando o sentimento de patriotismo na visão de uma criança, falando sobre o que ela sente por Campina Grande no texto intitulado “Amor pela cidade”.

Aquele sentimento de patriotismo geralmente só surge nas pessoas na Semana da Pátria, em setembro. Mas, na vida da pequena Ana Carolynna do Nascimento Ferreira, 6 anos, está presente desde muito cedo. Um projeto da escola há 2 anos fez com que Carol aprendesse o hino de Campina Grande mesmo sem saber ler naquele momento. [...] Durante a entrevista, Carol fez questão de mostrar a tarefa que ainda guarda desde quando tinha os 4 anos e começou logo a cantar em posição de respeito, com a mão sobre o peito e o outro braço ao longo do corpo. (JORNAL DA PARAÍBA, 2014 p. 38).

Os detalhes transcritos nesse recorte remontam para a importância do repórter ficar atento aos sinais do cotidiano. "O resgate da cena viva exige a criação de um narrador que dramatize o que se passa à sua volta. Para isso, o autor da narrativa é um ser aberto aos demais códigos da experiência social que observa" (MEDINA, 2008, p. 98). Dessa maneira a autora reforça a necessidade do jornalista se desprender das amarras impostas pelas redações e desbravar novas possibilidades narrativas através da sensibilização e observação constante dos fatos, por mais corriqueiros que eles pareçam ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das mudanças que vêm ocorrendo no processo de construção da notícia, com a inserção de novas mídias, a concorrência entre o jornalismo impresso e o digital tem se tornado cada vez mais acirrada. Já que este último dispõe de recursos que viabilizam uma maior interatividade com o público, o impresso precisa buscar alternativas para se tornar mais atraente para os leitores.



Desse modo, a humanização do relato se mostra como uma tendência a ser praticada nas redações. Esse tipo de abordagem é uma das possibilidades que os profissionais da comunicação têm para oferecer à sociedade um conteúdo diferenciado e capaz de proporcionar um melhor entendimento da realidade.

No caderno especial dos 150 anos de Campina Grande, do Jornal da Paraíba, “Campina e seus personagens”, esse tipo de narrativa é perceptível. Nele se opta por revelar os personagens populares e anônimos da cidade, mostrando o que eles têm de mais peculiar. Essas características são percebidas pelo olhar atento e transcritas pela sensibilidade de quem construiu as narrativas.

A abordagem humanizada utilizada por Silvana Torquato permite uma nova roupagem às rotinas diárias nas redações. Fugir do factual e buscar novos meios que explorem olhares, saberes e experiências de pessoas que são pouco visíveis na sociedade chamam a atenção do público, que por sua vez, é sensibilizado e passa a fazer parte da história também.

Contudo, o jornalismo deve sempre reafirmar o seu compromisso com a sociedade, cumprindo com o papel de levar à população informações que despertem seu interesse. Cabe aos jornalistas reconhecer e gerenciar as potencialidades que a linguagem literária oferece e aplicá-las no exercício da sua profissão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Gua- rapoava: Intercom, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI/ Cátedra UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/ Edições Omnia, 2006.

FRANÇA, Viviane Amaral. **Jornalismo e Literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould**. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/franca-vivianejornalismo-e-literatura.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2015.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal e vivências humanas: um roteiro de viagem**. Bauru: Edusc; Campo Grande: UFMS, 2005.



LIMA, Edvaldo Pereira. **A importância da descrição**. 2005. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/147-a-importancia-da-descricao>> <Acesso em: 26 de maio, 2015>

LÜERSEN, A. ; BRAGHINI, K. . **A arte de contar histórias: jornalismo humanizado na revista Piauí**. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2014, Palhoça. Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2014.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978._____. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social. In: MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs.). **Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

_____. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MONTIPÓ, Criselli; FARAH, Ângela. **Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa pra um jornalismo transformador**. In: MÍDIA CIDADÃ 2009 – V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, 2009. Guarapuava. Anais. Guarapuava, 2009. p. 906- 923.

MONTIPÓ, C. . **Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice tessitura**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

Rede Paraíba de Comunicação. Disponível em: <<http://www.jornaldaparaiba.com.br/institucional/grupo>> Acesso em: 12 maio de 2015.

RIBEIRO, Claudeci. **Entrevista Inserção do jornalismo humanizado no Jornal da Paraíba**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <eloynaalves@jornaldaparaiba.com> em 19 de maio de 2015.

TORQUATO, Silvana. **Jornal da Paraíba, Campina Grande, 11 de outubro de 2014. Campina e seus personagens**, p. 1-40.

_____. **Entrevista Inserção do jornalismo humanizado no Jornal da Paraíba**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <eloynaalves@jornaldaparaiba.com> em 20 de maio de 2015.